

A banda desenhada portuguesa: autores, temas e tendências

Marie Manuelle Silva e Rui Malheiro

[Recibido, xuño 2006; aceptado, xullo 2006]

RESUMO Num contexto nacional pouco propenso à afirmação da Banda Desenhada enquanto género, a BD portuguesa tem vindo ao longo dos anos a afirmar-se como uma arte. Este artigo pretende esboçar um retrato da Banda Desenhada em Portugal e identificar as tendências temáticas e estéticas do género desde Rafael Bordalo Pinheiro -pioneiro e referência marcante na área- passando pelos autores que se debruçaram sobre os grandes temas da história de Portugal até a nova geração de autores mais marcada pela globalização, permeável às influências internacionais e mais interessada numa abordagem experimental da BD.

PALABRAS CLAVE: cómic, banda desenhada portuguesa, Historia.

ABSTRACT The Portuguese comic has been attempting to gain recognition as an art-form for many years now, in a national context disinclined to see the comic as a genre. This article aims to give an overview of the comic in Portugal and to identify the aesthetic and thematic characteristics of the genre, from Rafael Bordalo Pinheiro –a pioneer and a leader in the field- to those authors who chose the great topics of the History of Portugal, and the new generation of authors more marked by globalisation and open to international influences, who are more inclined to an experimental approach to comics.

KEY WORDS: Portuguese comic strip, History.

155

A visita a uma livraria generalista de uma pequena cidade do Minho permite-nos desenhar um retrato preciso da situação actual da Banda Desenhada em Portugal.

À entrada, um expositor de madeira exótica trava o acesso ao estabelecimento. Lá encontramos, na primeira linha, o filão *Código da Vinci*: a obra original, os manuais para descodificá-la, os livros de arte para ilustrar a leitura, as biografias sulfurosas de Da Vinci, teses sobre as seitas que comandam secretamente o mundo, etc, etc, etc. Um pouco atrás, o filão presidencialista: obras dos dois principais candidatos às próximas eleições e os guias de comentadores abalizados para entendermos o pensamento dos salvadores. Finalmente,

na derradeira fila, mas num pequeno pódio, o último álbum de *Astérix* sem qualquer tipo de acompanhamento interpretativo. Uma leitura demasiado óbvia para que tal suceda.

Depois da obrigatoriedade da leitura do obstáculo, levantamos a cabeça. As árvores-estantes estão à nossa volta, devidamente identificadas. À esquerda, obras sobre o turismo na região, poesia, arte, literatura juvenil, literatura séria nacional e estrangeira... À direita, saúde, arquitectura, História... damos mais uns passos e... lá está –no fundo, junto a uma porta com muitas passagens (*et pour cause*– são as instalações sanitárias), uma estante linguística/estudos literários e uma estante Banda Desenhada.

Após contornar mais um mini-entrave –dedicado à aprendizagem da leitura– aguarda-nos uma miscelânea: *Tintin*, *Boule & Bill*, *Lucky Luke*, *Mortimer*, *Corto Maltese*, uma órfã colectânea de cartoons de imprensa de 1993 e, claro, *Astérix*. Na prateleira do topo, fora do alcance dos petizes, a secção dos adultos. Um convívio salutar e pós-moderno. Procuramos os resistentes portugueses. E lá estão –*Humberto Delgado* do inevitável José Ruy da Âncora Editora, na extremidade esquerda da prateleira. No lado oposto, um volumoso exemplar da *História de Portugal em BD* de Carmo Reis e José Garcês da editora ASA. Ao ser questionada sobre a existência de produção nacional *diferente*, a funcionária informa-nos da pouca vontade das editoras –“é assim... não apostam”.

156

1. Uma questão de seriedade

A Banda Desenhada é ainda hoje vista em Portugal como uma arte menor. Vários factores explicam esta situação. A BD é entendida como propriedade de um certo escalão etário. Quando questionados sobre as suas leituras, poucos são os adultos que afirmam ter lido um álbum de quadrinhos depois da adolescência. E quando é o caso, trata-se de leituras pontuais, de um ou outro autor de valor seguro cuja fama e a mediatização espicaçam a curiosidade. BD portuguesa? Poucos são os que conseguem citar um único nome.

A obra escrita e iconográfica continua a ser associada a leitores pouco exigentes, com um nível cultural inferior. *São aqueles que não conseguem ler sem a ajuda da imagem*. Esta constatação, aliás, é levada ao extremo na arte do

romance –certas editoras consagradas têm por princípio a ausência total de imagem até na própria capa¹. Assim, a BD é muitas vezes entendida como um purgatório, como uma ótima forma de levar a ler aqueles que não podem atingir para já o paraíso literário. Não mais.

Esta falta de apreço é visível na própria elite intelectual. Se olharmos para o mundo universitário, verificaremos a escassez de estudos dedicados à nona arte em Portugal. Cremos que só em 1998 é defendida uma tese de doutoramento (Rii Zink, 19999 que viria a ser publicada mais tarde pela Celta Editora. E no ano de 2005, segundo a Bedeteca de Lisboa, não foi concluída qualquer tese sobre banda desenhada. Talvez seja menos considerada porque não pertence a um território bem delimitado. Segundo a fórmula de Rui Zink: “(...) demasiados bonecos para ser literatura, demasiado ligada à imprensa para ser pintura” (Zink, 1999:2). Segundo ele, esta apreciação fundamenta-se em dois equívocos no modo como é considerada a BD: “a sobreposição da imagem em relação à linguagem verbal; e a concepção redutora da BD como meio de comunicação de massas”. Se é evidente o poder de atracção junto das massas, parece-lhe redutor associar automaticamente este sucesso a falta de qualidade. Assim, a BD ocupa um lugar secundário e até marginal por não se inserir claramente num dos membros do quarteto que domina a cultura portuguesa –literatura, música, cinema e artes plásticas (pintura e escultura). A questão da hierarquia das artes não parece tão ultrapassada como se diz e a BD é frequentemente relegada entre as artes menores.

157

Porém, nos últimos anos, o panorama tem vindo a mudar no que toca à questão do prestígio. Mas é um processo lento. Muito lento. Tal mudança deve-se, entre outros, às grandes e pequenas editoras que dedicam uma parte mais ou menos significativa do seu catálogo à BD, conferindo-lhe logo à partida um suporte –o álbum.

Na memória dos bedéfilos, a editora Futura, pioneira na área da banda desenhada, é certamente a maior das referências por ser associada aos momentos de glória da BD portuguesa. A sua contribuição à constituição de um patri-

¹ E não só em Portugal. Numa recente entrevista televisiva, Régis Jauffret não conseguiu disfarçar o seu orgulho em pertencer à colecção branca da Gallimard. Esta colecção caracteriza-se pela ausência absoluta de ilustração nas capas.

mónio na área é significativa com a reedição da BD nacional dos anos “de ouro” das décadas 40 e 50. Exemplar a nível de coerência editorial, é certamente a primeira em Portugal a ter como coordenador das publicações em BD um profissional da nona arte, o argumentista Jorge Magalhães. Foi, no entanto, um insucesso comercial.

Mais recentemente, fechou a editora Meribérica/Liber, fundada em 1977, que também constituiu um marco no panorama editorial português por ter desempenhado junto de uma geração de leitores portugueses de BD, um papel importante na divulgação dos melhores autores e heróis da banda desenhada franco-belga entre 1980 e 2003. Também fechou em 2000 a editora de renome Baleiazul criada em 1998 pelo autor José Abrantes.

158

Mas outras estruturas tradicionais souberam marcar uma posição que lhes proporcionou um destino diferente. As edições da Asa destacaram-se na publicação de álbuns de séries famosas de banda desenhada. Fundada em 1951, a empresa começou a editar BD em 2002, com alguma cautela e com uma preferência pela BD franco-belga, e também reservou um espaço aos autores portugueses com a colecção “clássicos da BD”. A Devir Livraria criada em 1987 em São Paulo no Brasil, abriu em 1996 em Portugal e em 2000 em Espanha. A empresa (que também distribui jogos) é a editora da Marvel e da DC Comics em Portugal, ocupa um lugar relevante no mercado da banda desenhada do país a nível de comics americanos, mas também com a divulgação de autores portugueses com alguma saída comercial (no país e no estrangeiro), José Carlos Fernandes e a sua *Pior banda do mundo*, Miguel Rocha ou Diniz Conefrey por exemplo. Uma outra vertente da Devir é a publicação de revistas, obedecendo a uma mesma lógica de mercado: centra-se nos comics americanos, mas conta, no entanto, com a participação de autores nacionais (é o caso da revista bimestral *Comix*). A Devir tem, aliás, o monopólio da BD americana, que somada às revistas de super-heróis, constitui o maior volume de publicações mensais em BD do país. Em 2005, foi a vez da editora Gradiva, conhecida pela edição de tiras cómicas, arriscar, entrar por outros campos da banda desenhada.

Os anos 2000 viram aparecer um número considerável de pequenas editoras como Witloof, Círculo de Abuso ou Nova Comix (as duas últimas pertencem respectivamente a David Soares e a Horácio Gomes) que iriam dar um pulsar novo ao universo dos quadrinhos: uma maior oferta, a divulgação dos

autores nacionais surgidos no fim da década de 90, e também o combate, a hegemonia da gigante Meribérica. Editoras como a Witloof, a BaleiAzul (entretanto desaparecida), a Vitamina BD e as Edições Polvo (Polvo que passou a ser uma colecção da nova editora Rui Brito Edições), já tinham penetrado nos territórios conquistados, com a edição de álbuns a cores oriundos do mercado franco-belga. Enquanto isso, outras abriram novos caminhos como a Booktree que apostou na BD de aventuras *mainstream* feita à medida dos gostos do grande público; ou a Edimpresa que cresceu além dos habituais Patos & C^a, alcançando um sucesso considerável com a série W.I.T.C.H. e os seus produtos derivados, tendo mesmo conseguido criar público juvenil feminino para o medium...

Com se vê, assistiu-se, no país, a uma excepcional expansão editorial nos anos 2000 (sobre tudo em 2003), anos em que se registou, essencialmente na BD franco-belga, um número de publicações muito importante. Os sinais de que a BD se imiscuiu no panorama cultural confirmam-se. A sua ligação com a imprensa cresce e fortalece-se com séries incontornáveis a serem vendidas aquando diários de grande tiragem (Tintin, Corto Maltese, o Homem-Aranha, Blake e Mortimer, Garfield, ou ainda uma série sobre os clássicos da banda desenhada). Estas publicações para além de contribuírem ao “boom” editorial referido, também tendem a pôr a BD em destaque com uma divulgação² junto dos órgãos da comunicação social. Também é notável a incursão dos autores nacionais nas páginas dos jornais, e, mais ainda a homenagem dos correios portugueses (CTT) aos “Heróis da BD Portuguesa” com a edição de oito selos.

159

Apesar de um grande esforço relativamente recente, observamos ainda a existência inesperada de bolsas de resistência, nomeadamente por parte de algumas *instituições*. Há poucos meses atrás, a Bedeteca de Lisboa distribuiu um inquérito pelas bibliotecas públicas portuguesas. Ambicionava determinar o peso, a presença ou implantação da BD nestes locais privilegiados. Deste modo, pretendia-se saber exactamente a quantidade de materiais de BD que as bibliotecas públicas possuem, que montante de dinheiro estão dispostas a gastar com a banda desenhada, o que compram, como e para quem, como a tratam, como e onde arrumam (qual é a visibilidade para os leitores) e que acções de animação costumam efectuar relacionadas com a BD. Adalberto Machado,

² Dupla divulgação aliás: trata-se do género, mas também da venda dos livros aquando a dos jornais.

bibliotecário da Bedeteca de Lisboa, fez uma leitura de todos estes dados³. Uma leitura que ele reivindica ser livre. No entanto, os números impressos não lhe dão muita margem. E a imagem que fica da biblioteca pública é a mesma que sentimos pessoalmente nas livrarias generalistas deste país. A primeira surpresa (será surpresa?) é que apenas trinta das noventa bibliotecas responderam ao inquérito. A seguir, constatamos que a grande maioria (31%) das bibliotecas tem cerca de setecentos a oitocentos livros de BD e que 23% têm menos de duzentos e cinquenta livros de BD. Com uma certa ironia, Adalberto Machado conclui que provavelmente “têm as colecções do Astérix, do Tintin, Lucky Luke, Blake e Mortimer, Spirou e Corto Maltese mais ou menos completas e pouco mais”⁴. O que o leva a pronunciar-se sobre o não respeito pelas directrizes da UNESCO para as Bibliotecas Públicas que “prevê que as colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade. E que as colecções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura”.

Censura? A palavra, à primeira vista de emprego exagerado, parece-nos afinal adequada. Com efeito, a percentagem de BD face à colecção (ou acervo) geral da biblioteca é de 2% em mais de metade (52%) das bibliotecas que ponderam. Mais: 48% das bibliotecas em Portugal, por cada 100 € em compras de livros, não gastam mais do que 1 € para a banda desenhada. E 16% não adquirem qualquer álbum de BD!

Perante estes dados assombrosos que desfilaram um após o outro, não é de estranhar o pungente apelo feito às bibliotecas públicas deste país pelo bibliotecário no final da sua leitura: *comprem BD*. E, se possível, BD portuguesa.

2. A BD quase invisível

A visibilidade da produção portuguesa nas livrarias também é insignificante. A visita a duas grandes lojas de uma dominante cadeia de produtos culturais é constrangedora. Seria de esperar uma outra postura. E, ironia: foi numa campanha de promoção num hipermercado que vimos o maior número de álbuns de BD nacionais juntos. Mas, devemos resguardar as poucas bibliotecas generalistas propriedade de pessoas sensíveis amantes -sem preconceitos-

³ In *BDjournal*, dezembro de 2005.

⁴ *BDjournal*, nº 8, dezembro de 2005, p. 22.

dos livros que, conjuntamente com as editoras, apostam na produção nacional. Por exemplo, a Devir organiza encontros entre os seus autores ou especialistas e os leitores.



161

Assim, o território das estantes é ocupado pelas produções francesa, belga e americana. Nos últimos anos temos assistido à invasão dos mangas. A reacção dos que ocupavam o território foi de incompreensão. Por vezes a roçar a xenofobia⁵.

O enorme peso da tradição, mas sobretudo uma máquina industrial bem oleada, permite-nos falar de uma indústria de BD em certos países. E é óbvio que em Portugal ainda devemos falar de artesanato ou actividade semi-industrial que sofre muito com as ocorrências inesperadas do mercado. Raros são os casos de artistas que podem dedicar-se totalmente à BD. E desconfiamos que nenhum português tenha alguma vez escrito *autor de BD* em qualquer impresso. Ou que exista um código nas finanças para este campo de actividades. Muitas vezes, são artistas que vivem da ilustração e dão um salto até a BD de quando em vez.

E no entanto, há exemplos no campo da divulgação e da criação.

⁵ Nas bibliotecas públicas, 72% dos álbuns adquiridos são da escola Europeia e Franco-Belga. Nada de mangas!

a) O trabalho documentado e regular de *BDjournal*.



162

Nascido da vontade do editor J. Machado Dias para lutar contra a imagem desfocada que as instituições e, por consequência, o grande público têm da banda desenhada, o *BDjournal* nasce em Março 2005. É por essa razão que esta publicação se dirige principalmente aos profissionais do ramo livreiro, com o objectivo de os sensibilizar para a fomentação do gosto pelos *quadrádinhos* junto de um público não só de jovens mas também de adultos, com vista a combater o estereótipo enraizado de que a BD é uma arte menor ou/e reservada a um público juvenil. Outro objectivo do director é o de congregar os interesses das editoras, dos intervenientes ligados aos eventos sobre BD, assim como dos autores, críticos e estudiosos. O *BDjournal* –publicação mensal–tem conseguido, na sua curta existência, cobrir de forma significativa a actualidade nacional e internacional da banda desenhada. Entrevista e homenageia artistas nacionais; divulga e faz o balanço dos festivais; edita pranchas de jovens artistas; difunde estudos; e dá a conhecer produções que fogem aos eixos franco-belga, americano ou asiático.

b) Nascidos da devoção de aficionados, os Fanzines vêem o seu valor reconhecido por todas as “correntes” da comunidade da BD. Tal reconhecimento é visível na consulta das categorias dos nomeados para o Festival da Amadora de 2005, que seguem uma lógica muito *oscarizada*. Para além das *longas-metragens* em língua portuguesa (Melhor Álbum Português, Melhor Argumento para Álbum Português, Melhor Desenho para Álbum Português) são recompensados a produção estrangeira (Álbum Estrangeiro), a carreira de um artis-

ta, uma *curta-metragem* (Melhor Álbum de Tiras Humorísticas), a qualidade dos cenários ou guarda-roupa (Melhor ilustração para Livro Infantil). No entanto, constatámos que há uma categoria original e merecida: Fanzines. Em 2005, foram nomeados os seguintes cinco que vivem da quasi carolice e da paixão pela BD: *Bíblia*, *Blastmagazine*, *Hum*, *hum! Estou a Ver...*, *Jazzbanda*, *Venham mais*⁵. Será legítimo encarar a hipótese de premiar igualmente os sites e inúmeros blogs que atestam da vitalidade e maturidade dos artistas da BD que têm recorrido cada vez mais à net para expor os seus trabalhos?

c) Num país em que a BD portuguesa é invisível, surpreende o número de festivais.

O primeiro encontro Nacional de BD ocorreu (na Figueira da Foz) em 1973. A partir dessa data surgiu uma quantidade importante de eventos, alguns de pouca dura, outros a marcarem ainda a actualidade. Os grandes eventos ligados à banda desenhada são actualmente o *Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora (FIBDA)* criado 1990; o *Salão Lisboa de Ilustração e Banda Desenhada (SLIBD)* inicialmente, e até 1998 *Festival de Banda Desenhada de Lisboa*, criado em 1982; e o *Salão Internacional de BD do Porto (SIBDP)* cuja actividade que começou em 1985 foi suspensa durante quatro anos e retomada em 2005 sob a forma de um salão virtual. Existem ainda Festivais de menores dimensões como as *Jornadas da Sobreda* criadas em 1982 ou o *Moura BD* que prosseguem o seu caminho, e os recém chegados: o *Festival de BD de Almodôvar* e o *Salão de Banda Desenhada de Beja*. Só no ano de 2004, ano em que os apoios institucionais foram drasticamente reduzidos, desapareceram o *Salão BD de Viseu*, a *Quinzena de BD “quinze dias em Banda”* do Pinhal Novo, e em 2003 os *Encontros de BD de Sto Tirso...*

163

Será que as dimensões do universo da BD em Portugal, autores, editoras, públicos, críticos e estudiosos confundidos, justificam uma tal oferta? No que diz respeito aos eventos de referência, o FIBDA e o SLIBD não parecem manifestar uma grande vitalidade.

Relativamente ao primeiro, em 2005, o destaque foi para autores “clássicos” como Ricardo Ferrand, ou José Abrantes com uma retrospectiva dos seus trinta anos de carreira. Os candidatos a prémios foram valores seguros da BD histórico-didáctica (*A Ilha do Futuro*, de José Ruy, Meribérica-liber; *A Verdadeira História de Portugal 2*, de Ricardo Ferrand, Witloof Edições; *Os Super-heróis da História de Portugal*, de Artur Correia e António Gomes de

Almeida, Bertrand Editora; ou nomes já instaurados no meio: *A Última Obra-prima de Aaron Slobodj*, de José Carlos Fernandes, Edições Devir; *Superfuzz 1 – Vai Sonhando Paiva... Vai Sonhando*, de Esgar Acelerado e Rui Ricardo, Edições Devir).

Quanto ao segundo, o *SLIBD*, a sua última edição tinha a Entropia como tema central e a Finlândia como país convidado. Os autores portugueses, estavam representados por Luís Lázaro, com uma retrospectiva de um escasso trabalho em BD e por Pedro Zamith e José Carlos Fernandes, com propostas mais próximas da ilustração. O Museu da Cidade acolheu o trabalho do colectivo *Le Dernier Cri* e a obra de BD e pintura do italiano Guido Buzzelli.

Os dois festivais, criticados em relação às edições anteriores pelas suas programações pouco atraentes, apresentam sintomas de uma forma de esgotamento, que os *habitués* denunciam: não há conquista de novos públicos, nem se consegue sequer atrair visitantes...

Por falta de meios, e acabando assim por criar uma alternativa ao formato clássico, o *Salão Internacional de BD do Porto* comemorou os seus vinte anos de existência de uma forma invulgar: uma edição “virtual” (nota: www.sibdp.com) com a participação de diversos autores nacionais que homenagearam o evento através de uma série de projectos de cartazes, e exposições digitais dos últimos trabalhos conhecidos de autores internacionais presentes ao longo das onze edições anteriores (Angel Prado; Schuiten e Peeters; Peter Kuper; Don Rosa; Baru; Charles Berberian; Étienne Davodeau; Lewis Trondheim; James Kochalka e Max; entre os quarenta e quatro autores on-line). O Salão do Porto é pioneiro no apoio a autores portugueses e na divulgação de obras menos conhecidas da BD mundial. Também soube conciliar a BD alternativa com as propostas dirigidas ao grande público e que permitiu a descoberta de alguns dos maiores autores de BD mundial, antes destes serem famosos. A edição de 2005 esteve virada para um passado glorioso, de uma forma muito expositiva, sem debate, reflexão nem discussão acessível aos visitantes. Resta saber como os organizadores vêem o futuro do salão.

4. Particularidades da BD made in Portugal

Perante a ditadura económica e artística das escolas franco-belga, americana e asiática, haverá espaço para uma BD portuguesa? Com traços bem distintivos? Ou teremos apenas uma BD produzida em Português?

Com esta obra, Bordalo Pinheiro retoma de certa forma a causticidade das cantigas de escárnio distintivas da nossa poesia medieval. Mas, a posição pioneira de Portugal não passou disso mesmo. Aquilo que podia ter dado nascimento a uma escola tão pujante como a franco-belga ficou irremediavelmente sepultado com a morte de Bordalo Pinheiro.

Actualidade

Para além desta cáustica linha político-social que deixaria herdeiros⁷, nomeadamente nos períodos da ditadura e do pós-revolução, observamos nas estantes das livrarias generalistas ou nos catálogos das editoras, o denso apelo da história. Será o nosso saudosismo que está na origem deste importante subcategoria narrativo-didáctica? Em parte, talvez. Mas, é no aspecto financeiro que devemos procurar a resposta mais provável. Com efeito, num mundo editorial em incessante crise, a produção histórica representa poucos riscos. E isso, apesar da qualidade da produção nos anos 90⁸ e do ano de 2003 ter sido excepcional no que toca ao número máximo de edições alcançado e à quantidade de artistas lusos publicados (cerca de sessenta). As oscilações do poder de compra dos leitores bem como a falta de estrutura de uma verdadeira indústria e a incipiente promoção da BD portuguesa alternativa ainda não permitem uma produção constante. Por exemplo, a atenção inusitada dada ao mundo da BD esvaneceu-se ao entrarmos em 2004 que trouxe o desinvestimento em obras portuguesas fruto das adversidades que o mercado livreiro teve de enfrentar no nosso país. A Bedoteca de Lisboa passou de vinte e um títulos editados em 2001 para apenas quatro em 2002. As Bolsas de Criação Literária do Ministério da Cultura foram suspensas, e é através desse apoio que autores como Filipe Abranches, Diniz Connefrey, José Carlos Fernandes, Miguel Rocha e David Soares puderam dedicar-se à BD a tempo inteiro.

A esta situação difícil, respondeu-se de diversas formas. A primeira foi a de recorrer a antologias. Esta opção tem o condão de manter vivas as presenças de muitos autores. A segunda é de continuar a apostar nos valores seguros. Isto

⁷ *O País dos Cágados* de Artur Correia e António Gomes de Almeida é uma continuação do mesmo espírito mordaz perante a vida corrompida dos anos da ditadura. Mais recentemente, Nuno Saraiva apresentava-nos com uma perspectiva trocista dos Descobrimentos em *Os dias de Bartolomeu* e com o conto *Rumo ao Bojador*. Poderemos então falar de constante?

⁸ Período analisado impecavelmente por João Paulo Cotrim para o IPLB numa brochura trilingue, com distribuição internacional, *BD Portuguesa/Anos 90 – Guia breve de tendências, autores e temas*.

é, nos autores da velha guarda como José Garcês, José Ruy, José Pires e João Amaral e, como vimos, em obras de história.

O traço do desenho é clássico com poucas inovações e o texto ganha adeptos no campo dos Encarregados de Educação e Docentes que procuram cultivar os petizes através da BD. Há, sem sombra de dúvidas aqui uma função didáctica e milagreira atribuída à BD.

São muitos os álbuns dedicados à História de Portugal. Há tentativas generalistas como é o caso de A. Do Carmo Reis⁹ ou uma visão mais humorada proposta por António Gomes de Almeida e Artur Correia – *A História Alegre de Portugal*, volumes I e II. E há também a atracção por momentos específicos e marcantes da nossa história (*No Tempo dos Iberos* ou *No Tempo dos Lusitanos*, ambos de Crisóstomo Alberto). No entanto, quatro pontos se destacam nesta sub-categoria da História.

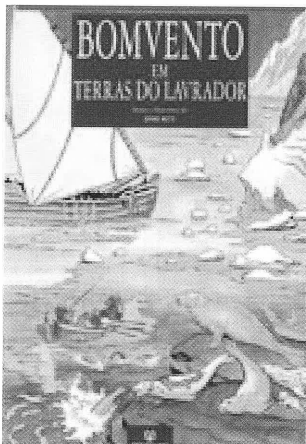
A primeira é a façanha dos Descobrimentos. É um momento chave que motiva particularmente os nossos artistas. De todos os álbuns queremos destacar o trabalho de José Ruy. Através da personagem por si criada – *Bomvento* – e de dois amigos inseparáveis – *o capitão Batávias* e o armador Dias Gaia –, assistimos às aventuras marítimas de gerações sucessivas de portugueses anónimos. E é neste pormenor que reside a originalidade da série¹⁰ proposta por José Ruy. As suas personagens são capazes de praticar feitos heróicos, mas com as virtudes e imperfeições dos homens comuns.



A jóia do Vale, José Ruy

⁹ *Histoire du Portugal en BD* (4 volumes) ou através de álbuns avulsos - *A Pátria Lusitana*, *A Restauração da Independência*, *A Revolução da Liberdade*. Todos pela Asa.

¹⁰ *As viagens de porto Bomvento*, Tomo 1 – *Aventuras Marítimas no século XV*; *As viagens de porto Bomvento*, Tomo 2 – *Viagens Marítimas no século XVI*; *Bomvento em Terras do Lavrador*; *Bomvento na Austrália*; *Bomvento no Brasil*; *Bomvento no Cabo da Boa Esperança*; *Bomvento no Castelo da Mina*; *Bomvento no Cataio*; *Bomvento Recorda a Infância*.



Bomvento em Terras do Lavrador,
José Ruy

O segundo grande momento é a Revolução de 1974. Num magnífico livro –*Uma Revolução desenhada o 25 de Abril e a BD*¹¹ vemos desfilar várias obras que nos contam, muitas vezes com enorme entusiasmo, os desenvolvimentos da nossa última verdadeira façanha enquanto povo. Destaque-se a iniciativa levada a cabo pelo Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra. Após a exposição evocativa do 25 de Abril e a Banda Desenhada, para os vinte e cinco anos do 25 de Abril, surge uma segunda parte, a que chamaram “Visões de Abril”, em que dezoito autores de BD em actividade mostravam a sua representação do 25 de

Abril numa história de três a quatro páginas, feita expressamente para a exposição. Uma terceira parte consiste numa história de ficção em banda desenhada sobre o 25 de Abril, feita sem as limitações de espaço impostas para as “Visões de Abril”. “A Revolução Interior”, é esse o título do livro, editado pela Edições Afrontamento.

168

A terceira linha motivadora dos nossos artistas é a dos heróis/personalidades, aqueles que *se vão da lei da morte libertando*. Ainda este ano, no maior festival de BD, o da Amadora, o primeiro prémio da produção nacional foi atribuído ao volumoso álbum *Super-heróis da História de Portugal* da editora Bertrand.

O leque das figuras singulares que mereceram álbuns é muito vasto e heterogéneo. Desde o desportista Eusébio¹² passando pelo combatente anti-fascista General Delgado¹³.... Pelos navegadores, claro está –Bartolomeu Dias¹⁴–; pelo rei D. João V¹⁵ ou Alves dos Reis¹⁶, o maior enganador da nossa história.

¹¹ João Miguel Lameiras, João Paulo Paiva Boléo, João Ramalho Santos, *Uma Revolução desenhada – O 25 de Abril e a BD*, Lisboa: Edições Afrontamento, Bedeteca de Lisboa, Centro de documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Centro de estudos sociais de Coimbra, 1999.

¹² *Eusébio a pantera negra*, de Eugénio Silva, Meribérica/Liber, 1990.

¹³ *Humberto Delgado*, José Ruy, Âncora Editora.

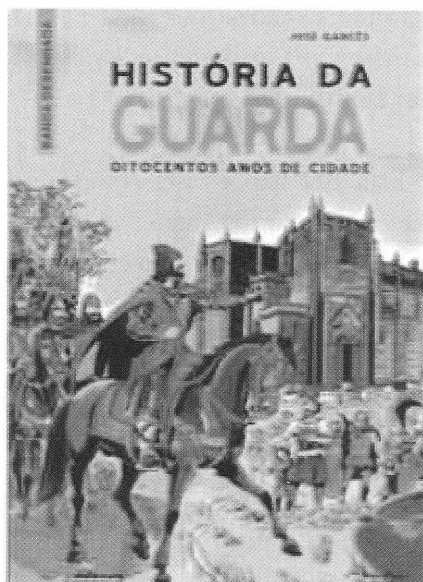
¹⁴ *Bartolomeu Dias*, de Carmo Reis e José Garcês.

¹⁵ *D. João V – Uma Vida Romântica*, Mascarenhas Barreto, Asa.

¹⁶ *Alves dos Reis, Uma Burla à Portuguesa*, Alexandre Honrado, Asa.

A galeria de personalidades revela os seus segredos fidedignos ou ficcionados. São personalidades que marcaram, cada um à sua maneira, a nossa história. Em Portugal, o Panteão nacional passa pela BD.

Uma quarta linha existe. Correndo o risco de beliscar o orgulho de alguns artistas, é a mais pobre tanto no aspecto iconográfico como na preparação do texto escrito que muitas vezes se limita a ser um repositório de informações. Praticamente todas as cidades do país¹⁷ foram contadas iconograficamente. E, muitas vezes, são as câmaras municipais que subsidiam tais produções.



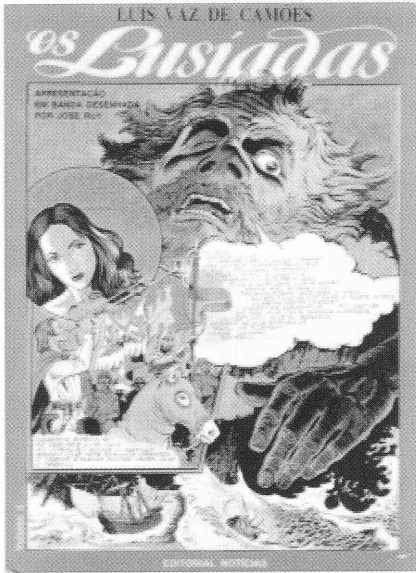
169

Muito próximo da sub-categoria da História, pelas suas motivações, encontramos a adaptação de textos clássicos da nossa literatura e da literatura internacional. Se alguns textos de Gil Vicente ou Eça de Queirós obtiveram algum sucesso, nada se compara com a adaptação de *Os Lusíadas* para a editorial Notícias por... obviamente, José Ruy. Lançado em três volumes, foi reeditado há pouco num só volume. Tal epopeia “bediana” tem o mérito de respeitar o texto original e de ajudar inquestionavelmente os alunos na leitura da obra de Camões. Cristina Basto¹⁸, directora da companhia de teatro *Cultural Kids*,

¹⁷ Só de José Ruy podemos citar: *a História da Amadora* (Âncora Editora, 1999), *Sintra: O Encantado Monte da Lua* (1997), *Nascida das Águas* (1999), *Almeida Garrett e a Cidade Invicta* (1999)...

¹⁸ *Pública*, 16 de novembro de 2003.

afirmava que os espectáculos de obras clássicas que não tinham imagens são de difícil apreensão e compreensão para os jovens entre os três e os dezasseis anos. Esta necessidade da imagem é, na sua perspectiva, algo de fisiológico.



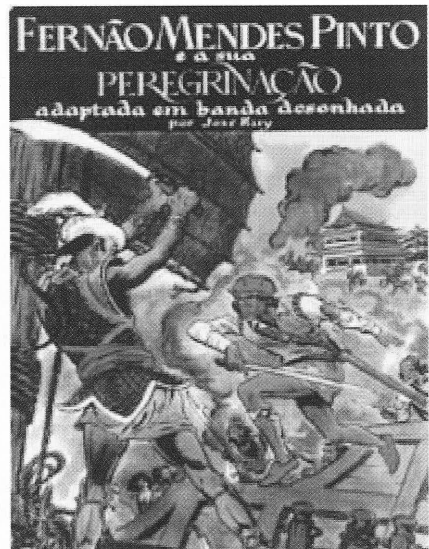
Após um período fértil enquanto criança em que conviveu com álbuns de imagens que lhe permitiram fazer as suas primeiras leituras de histórias, a BD tal como o teatro pode ser para o jovem uma porta de reentrada na literatura. Como se fosse uma espécie de *iconografia instantânea inelutável*. Mas também *útil*.

Esta BD não é vista como uma arte mas como um meio, veículo de um conteúdo reconhecido como cultura, sob uma forma de abordagem mais fácil para um leitorado mais abrangente. Assim, a nona arte tam-

170

bém pode ser considerada como um mero suporte onde a imagem serve o texto ou factos descritos por ele. Apesar da evolução deste estilo de BD, fica sempre a dúvida quanto à *demarche* sempre suspeitada de busca de legitimidade na escolha do tema de inspiração. Haverá uma BD portuguesa para os aficionados que propõe caminhos alternativos, mais ousados tanto do ponto de vista do traço mas também dos argumentos?

Esta última é uma BD de resistência perante as duas escolas totalitárias e perante a ditadura economicista da história. Ela existe. Nós vimo-la. É de qualidade. E merecia muito mais do que o reconhecimento de uma minoria.

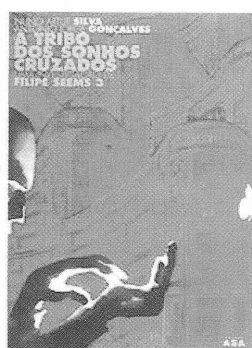
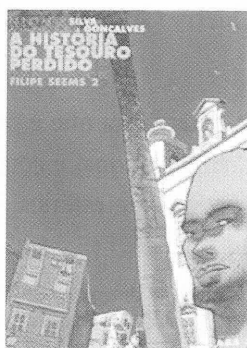
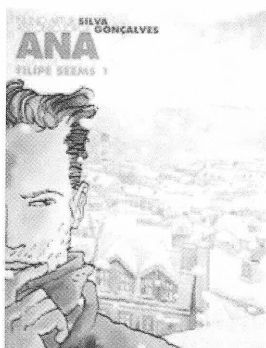


5. Propostas de leitura

Os grandes eixos da BD feita em Portugal, não escapam os dois caminhos desenhados pela BD europeia: um ramo experimental, à procura de outras maneiras de expressar a sua visão do mundo, e um ramo popular, que tenta desenvolver as potencialidades da BD enquanto entretenimento. As duas vias têm a sua evolução e os seus progressos e processos tanto na feitura do desenho como na forma de programar as pranchas. A BD de entretenimento tende a aumentar dinamismo e ritmo em cenários espectaculares. Influenciada pelos jogos de computador, os filmes das grandes produtoras americanas e a animação de tipo japonesa, usa argumentos geralmente lineares e convincentes ao serviço da imagem, e personagens estereotipadas com referências aos *comics* norte-americanos *mainstream*. Essa veia é sobretudo explorada nos Fanzines, e na Internet, mas poucos álbuns constam de uma tendência que marca terreno na Europa, mais particularmente os mangas. É, aliás, uma opção ainda bastante desprezada pelos defensores de uma BD de cariz intelectual, que muitos designam de *BD francófona*.

Podemos distinguir algumas tendências, no extenso leque de possibilidades que vai dos trabalhos “para-bd” do lado da performance gráfica, e da imagem isolada sustentável fora de um continuum próprio à BD; até às formas mais próximas da sua essência: uma arte sequencial onde a narração, tanto na matéria verbal como na matéria visual, é central, e onde se considera o desenho como um instrumento da narração. Por sua vez, as escritas narrativas podem estar mais ou menos próximas da literatura ou do argumento, ou seja de uma escrita mais ou menos livre e autónoma.

A trilogia que já é considerada de culto *Investigações de Filipe Seems* mostra uma evolução dos seus autores da BD para a “para-bd”: o terceiro e último volume *A tribo dos sonhos cruzados* envereda por territórios novos.



É em 1993 que a editora ASA lança no mercado –mini-mercado?– o primeiro volume *Ana* da autoria de António Jorge Gonçalves e Nuno Artur Silva. O percurso deste detective começa como tantos outros: nas páginas de um semanário (*Se7e*) com as fragilidades que caracterizam este tipo de publicações. No segundo álbum o argumento é uma história de banda desenhada mais convencional, com um fio condutor claro, e um real impacto junto do público aficionado e da crítica que falam de uma revolução no mundo da BD nacional. O crítico João Miguel Tavares não hesita nas páginas do periódico *Diário de Notícias* em dividir a história da BD em Portugal num antes e num depois Filipe Seems:

Durante décadas, a banda desenhada portuguesa teve apenas dois objectivos: entreter as criancinhas, com aventuras ingénuas e heróis de peito aberto, autênticas fortalezas da moral e dos bons costumes; ou então educar as criancinhas, através de trabalhos didácticos sobre os clássicos da literatura ou sobre a História de Portugal. Até que em 1993 surgiu *Ana*, o primeiro volume de *As Aventuras de Filipe Seems*, assinado por Nuno Artur Silva (texto) e António Jorge Gonçalves (desenho). Com esse álbum, a BD nacional saltava de escala, para entrar num mundo muito mais ambicioso, onde havia o desejo de criar literatura, de mostrar cultura, de produzir arte. *Ana* marca a entrada da banda desenhada portuguesa na idade adulta, e um ano depois, *A História do Tesouro Perdido* confirmava o talento dos autores (...) a dupla está de regresso com o que considera ser o fecho de uma trilogia, *A Tribo dos Sonhos Cruzados*. No entanto, a antiga Lisboa luminosa e utópica deu lugar a um mundo de cores escuras e labirintos subterrâneos. Enredado em sonhos misteriosos, de Filipe Seems resta apenas uma sombra¹⁹.

172

O leque de ofertas alarga-se. As fronteiras são puxadas mais longe, mas o último álbum da trilogia tem os ingredientes da BD: uma história com um fio, narrada num formato “clássico” em pranchas perfeitamente identificáveis. Todo o interesse está no facto da personagem Filipe Seems ser um programador de histórias obcecado pelas imagens. A banda desenhada torna-se *reflexiva* no sentido definido por Thierry Groessteen²⁰ e recorre a citações ao universo da BD e não só.

A trilogia de Filipe Seems demonstra que é possível fazer BD com grafismos que rompem com a feitura tradicional e com um argumento que permite o desenvolvimento de uma técnica e estética. Também há lugar para uma

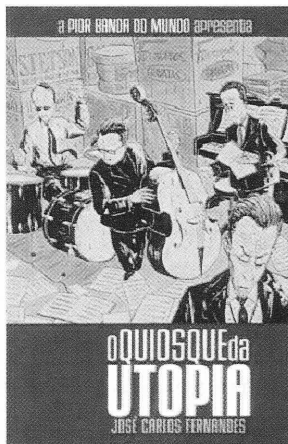
¹⁹ João Miguel Tavares, *Diário de Notícias*, 1 de dezembro de 2003.

²⁰ Artigo publicado em *Conséquences* n.º 13-14: *Contrebandes*, Les Impressions Nouvelles, Paris, 2.º trim. 1990, pp. 132-165, disponível na internet.

vanguarda estética representada por Tiago Manuel, com os trabalhos a desafiar as fronteiras da BD, ou o experimentalismo da novela gráfica de António Jorge Gonçalves e Rui Zink -*A arte suprema* (Editora Asa, 1997).

Já outro nome admirado, o de José Carlos Fernandes, explora outras pistas.

O ano de 2005 viu, entre outros, a edição do quinto volume da série *A Pior Banda do Mundo*. São histórias curtas em duas pranchas, que se inscrevem numa tradição de cronista, embora sem referências explícitas à actualidade. Com efeito, as personagens (mais do que heróis) evoluem num universo fantástico lembrando Borges, Perec, ou ainda Kafka, onde o absurdo domina, com uma eficácia narrativa exemplar. Embora se trate de uma BD intelectual, de uma produção de referência, a obra de José Carlos Fernandes é conhecida do grande público, e o autor é um caso raro de edição regular.



O Quiosque da Utopia
(Vol. 1)



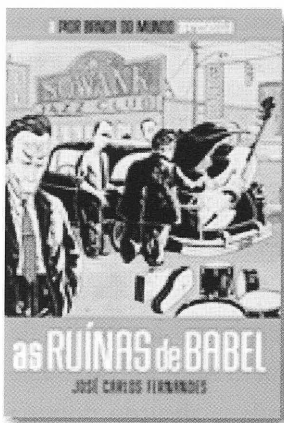
O depósito de Refugos Postais



O Museu Nacional do Acessório e do Irrelevante. (Vol. 2)

Independentemente das condições muito peculiares do mercado português, José Carlos Fernandes já conta com mais de vinte livros publicados desde 1992. Numa entrevista ao catálogo *BD Amadora 2003*²¹, José Carlos Fernandes conta como viu a sua obra ser publicada pela Devir por mero acaso, o que ilustra bem o panorama da BD em Portugal (em Espanha, *A pior banda do mundo* foi considerado o terceiro melhor álbum estrangeiro do ano; e uma das histórias de “O quiosque da utopia” -*O inextricável labirinto do destino*- inspirou uma curta-metragem (12 min) “La Señorita Zuenig” de Sofia Teixeira-Gomes).

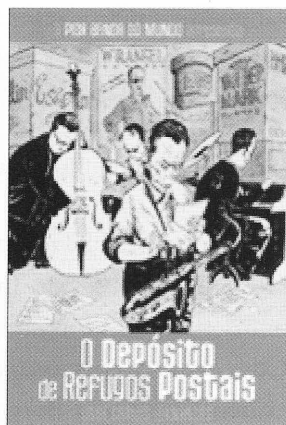
²¹ Catálogo *BD Amadora 2003*, pp. 10–19.



(Vol. 3)
As Ruínas de Babel



(Vol. 4)
*A Grande Enciclopédia do
Conhecimento Obsoleto*



(Vol.5)
O depósito de Refugos Postais

Quantos José Carlos Fernandes produzem sem serem publicados, por mero acaso?

174

A crise na edição e nos próprios festivais já bem instalados tiveram o condão de desviar a nossa atenção para iniciativas de particulares ou núcleos de amantes genuínos da BD. Cada um desses núcleos revela motivação e meios próprios para estimular o sector e dar a conhecer autores originais.

Citemos o grupo de artistas do Atelier Toupeira (Beja), que apesar de se movimentar longe dos habituais centros de influência, permitiu-nos descobrir a versátil Susa Monteiro. Citemos outro exemplo de *deslocalização*: a associação AJCOI BD anima um festival de BD em Pinhal Novo e edita a revista *Sketchbook*. Outro ainda: o Núcleo BD da FBAUL (unidade de investigação da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa). Ligados a diversas entidades, estúdios e associações académicas, este núcleo pretende movimentar o meio da BD e pretende divulgar as melhores pranchas no periódico *Blazt*, que se assume europeu. É deste núcleo que saiu por exemplo o jovem João Martins, premiado no FIBD/Amadora.

Veja-se também: *Malishka*, de Miguel Rocha (conhecido pelo cartaz do Euro 2004) e F. Oliveira (Edições Polvo 2003); *Tu és a Mulher da Minha Vida, Ela a Mulher dos Meus Sonhos*, de João Fazenda e Pedro Brito (Edições Polvo 2000); *O Diário de K.*, de Filipe Abranches (Edições Polvo 2001); *Sammabel*, de David Soares (Círculo do Abuso 2001), e *Mr. Burroughs*, de David Soares e

Pedro Nora (Círculo do Abuso 2001), os novos trabalhos de Diniz Conefrey e Luís Louro (publicados pela Íman e BookTree, respectivamente); *Canção do Bandido*, com argumento de Paulo Patrício e desenhos de Rui Ricardo, considerado um dos dez melhores livros de bd nacionais e estrangeiros pelo semanário *Expresso* em 2001.

Enfim, qualidade e quantidade não faltam. Vamos então tentar pôr de parte o tradicional pessimismo luso.

Conclusão

As coisas estão a mudar. Para melhor. O adulto amante de BD –o BDófilo– já não precisa de se esconder para revelar o seu amor proibido socialmente. Já não receia qualquer olhar de canto quando se dirige a uma secção infanto-juvenil de uma livraria. Já lhe é indiferente a atribuição do complexo Peter Pan.

Nas bibliotecas, já são poucos os “BDófilos” que escondem o álbum de BD no meio de uma revista de economia. Já não precisam de olhar para a esquerda e para a direita antes de entrar numa loja de comics como se de uma sex shop se tratasse.

O amador de BD já não precisa de calcorrear quilómetros até satisfazer as suas tendências. Já é possível encontrar uma livraria especializada ou que goste de. E o comércio electrónico é uma bênção.

Já pode trocar opiniões com outros bedéfilos com segurança e à vontade na net sem medo das autoridades moralizantes.

Já podem ir a certas livrarias e contactar autores que não escondem o prazer de se encontrarem com os seus leitores.

Já há autores que vivem da BD. José Carlos Fernandes é reconhecido em Espanha. Miguel Montenegro desenhou a capa de uma revista da Marvel.

Mas o amante da BD continua a ser recebido com olhos esbugalhados quando solicita nas grandes superfícies culturais a secção de autores portugueses.

É verdade... o herói Astérix vendeu milhares de volumes do seu último álbum em Portugal. Mas é um herói em estado de coma que só sobrevive à custa da ventilação de campanhas publicitárias colossais. E talvez seja este o nosso maior problema: não saber vender. Por exemplo, o prémio de melhor álbum nacional do último festival BD da Amadora não mereceu qualquer destaque nas livrarias ou bibliotecas públicas. Há ainda muito a fazer neste campo.

Há um fervilhar anunciador de mudanças nos horizontes do mundo dos quadrinhos, embora esse fervilhar artístico não coincida com o reconhecimento merecido. Muitos dos bons autores são desconhecidos do grande público porque são invisíveis no tradicional circuito das livrarias.

Ainda não podemos falar de uma “Banda Desenhada Portuguesa” por várias razões das quais se destaca o facto de não existirem estruturas que permitam a profissionalização dos autores. Em época de apertos, os editores não apostam no género (e também se calhar porque alguns não têm cultura em BD), e não conseguem impor estratégias editoriais eficientes.

176

Alguns autores vão viver para fora como por exemplo Jorge Colombo, Joe Madureira ou ainda Alberto Varanda. Eles também contribuem para a tradicional diáspora deste cantinho à beira-mar plantado.

E o que resta disto tudo? Uma sensação amarga de esbanjamento... de não acreditar... de não respeitar a produção artística nacional. E isso, sim... é uma constante portuguesa.

Marie Manuelle Silva e Rui Malheiro
Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

Para saber mais... Muito mais

<www.kuentro.com>
<www.bedeteca.pt>
<www.centralcomics.com>
<<http://bede.blogdrive.com/>>
<www.mainada.net/comics>
<www.bdportugal.info>
<www.bdmania.pt>

<www.mundofantasma.com/>
<www.sergeicartoons.com>
<www.ultra-screto.com>
<www.killtoons.com>
<www.toonman.com>
<www.companhiadozu.interdinamica.pt>
<www.mattmadden.com>
<www.fanzine.interdinamica>

Bibliografia

Livros

- Abranches, Filipe. 2001. *O Diário de K.*, Edições Polvo.
- Almeida, António Gomes de e Correia, Artur. 2003. *A História Alegre de Portugal*, volumes I e II. Bertrand.
- Carmo Reis, António e Garcês, José. 2000. *História de Portugal em BD*, ASA.
- Catálogo da Exposição Confluências e Influências Externas na BD portuguesa (1935-2000) no 12º festival Internacional de Bd da Amadora.
- Chagas, Manuel Pinheiro. 2004. *Super-heróis da História de Portugal*, Bertrand.
- Cotrim, João Paulo. 2001. *BD Portuguesa/Anos 90 – Guia breve de tendências, autores e temas* IPLB.
- Dias de Deus, A. 1997. *Os Comics em Portugal, uma história da Banda Desenhada*, Lisboa: Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa.
- Fazenda, João e Pedro Brito. 2000. *Tu és a Mulher da Minha Vida, Ela a Mulher dos Meus Sonhos*, Edições Polvo.
- Fernandes, José Carlos *A Pior Banda do Mundo - O Quiosque da Utopia, O Museu Nacional do Acessório e do Irrelevante, As Ruínas de Babel, A Grande Enciclopédia do Conhecimento Obsoleto, O depósito de Refugos Postais*, Devir.
- Garcês, José (1999). *História da Guarda. Oitocentos anos de Cidade*. Âncora editora.
- Gonçalves, António Jorge e Nuno Artur Silva. 1993. *Ana* (Colecção: As Aventuras de Filipe Seems), ASA.

- *A História do Tesouro Perdido* (Coleção: As Aventuras de Filipe Seems), ASA.
- *A Tribo dos Sonhos Cruzados* (Coleção: As Aventuras de Filipe Seems), ASA.
- Gonçalves, António Jorge e Rui Zink. 1999. *A arte suprema*, 3ª edição, Porto: ASA.
- Groensteen, T. 1997. *La bande dessinée, une littérature graphique*, Les essentiels Milan.
- Groensteen, T. (dir). 1998. « Bande Dessinée Récit et Modernité », *Actes du colloque de Cerisy 1997*, Futuropolis CNBDI.
- Lameiras, João Miguel; João Paiva Boléo; João Ramalho, João Santos. 1999. *Uma Revolução desenhada – O 25 de Abril e a BD*, edições Afrontamento, Bedeteca de Lisboa, Centro de documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Centro de estudos sociais de Coimbra, , Lisboa.
- Louro, Luís. 1995. *Alice* (Coleção: Estórias de Lisboa), 4ª edição, ASA.
- Paiva Boléo J.P. 2000. Das conferências do Casino à Filosofia de Ponta, Percurso Histórico da Banda Desenhada Portuguesa, Lisboa: Bedeteca de Lisboa e Câmara Municipal de Lisboa.
- Ramalho, João, João Santos, Miguel Lameiras. 1999. *A Revolução Interior*, edições Afrontamento.
- Ruy, José. 1995. *A jóia do Vale*. ASA.
- 2005. *Humberto Delgado. O General Sem Medo*, Âncora Editora.
- 1928. *Os Lusíadas*. Editorial Notícias.
- Silva, Eugénio. 1990. *Eusébio a pantera negra*, Meribérica/Liber.
- Tavares, João Miguel. 2003, *Diário de Notícias*.
- Uderzo, Albert. 2005. *Astérix - O céu cai-lhe em cima da cabeça*, ASA.
- Zink, Rui. 1999. *Literatura Gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Celta Editora.